



Pontos de confluência e de divergências entre as abordagens sociológicas de Erving Goffman e Pierre Bourdieu.

Points of convergence and divergence between the sociological approaches of Erving Goffman and Pierre Bourdieu

Cleiton Ferreira Maciel - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e membro do Laboratório de Estudos do trabalho, profissões e mobilidades. Bolsista do Programa RH - Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. E-mail: cleiton.keto@hotmail.com.

Jeanne Mariel Brito de Moura - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, e membro do grupo de pesquisa Terra, Trabalho, Memória e Migrações. E-mail: maribrito21@yahoo.com.br.

Resumo

Este artigo tem por objetivo estabelecer uma comparação em torno das abordagens sociológicas de Erving Goffman e Pierre Bourdieu, na tentativa de fomentar uma discussão acerca dos pontos de confluência e de divergências entre esses dois pressupostos teóricos de compreensão da realidade social. Destarte, na primeira parte desse trabalho, procuro apontar os principais aspectos da sociologia goffmaniana, levando em consideração a ênfase que este dá aos processos de interação estabelecidos em distintas situações sociais. Na segunda, busco mostrar, por seu turno, as principais idéias de Bourdieu no que se refere aos processos de dominação e reprodução da dominação no âmbito da cultura, onde o gosto torna-se um elemento fundamental de compreensão das práticas sociais. Em um terceiro momento, a idéia constitui-se em traçar um paralelo entre os dois autores, mostrando, assim, as aproximações e os distanciamentos teórico-metodológicos que permeiam suas respectivas sociologias.

Palavras-chave:

Erving Goffman, Pierre Bourdieu, Interação social, dominação, *Habitus*.

Abstract

This article aims to establish a comparison around the sociological approaches of Erving Goffman and Pierre Bourdieu in an attempt to establish a discussion of the points of convergence and divergence between these two theoretical understanding of social reality. Thus, in the first part of this work, I try to point out the main aspects of Goffman's sociology, considering the emphasis that he gives the set of interaction processes in different social situations;. Second, I seek to show, in turn, the main ideas of what Bourdieu refers to the processes of domination and reproduction of domination in the cultural field, where the taste becomes a fundamental understanding of social practices. In a third instance, the idea consists in drawing a parallel between the two authors, showing thus the approaches and departures theoretical and methodological that permeate their sociologies.

Keywords:

Erving Goffman, Pierre Bourdieu, Social, interaction, Domination, *Habitus*.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo insere-se dentro da perspectiva de estabelecer um diálogo entre as sociologias de Erving Goffman e Pierre Bourdieu, dois autores da sociologia contemporânea. Esses autores haverão de proceder a uma micro análise da sociedade, abordando aspectos pouco debatidos pelas “grandes narrativas” sociológicas. Eles estarão atentos aos detalhes, às situações do cotidiano que parecem naturais, mas que, sob o prisma da reflexão sociológica, revelam como a sociedade se “reinventa”, se metamorfoseia.

Em um primeiro momento, buscaremos trazer à tona os principais aspectos das micro sociologias de ambos os autores, traçando pontos de ligação destes com a sociologia clássica. Em um segundo momento, procederemos a uma comparação entre essas duas micro abordagens sociológicas, tendo em vista, por um lado, a reflexão acerca dos aspectos teórico-analíticos comuns e, por outro, a compreensão dos pressupostos epistemológicos que separam os autores um do outro.

Erving Goffman: pensando a sociedade entre o espaço e a vida social

Quando um indivíduo chega à presença de outros (...)

Erving Goffman

A proposta da abordagem goffmaniana insere-se dentro de uma sociologia que procura pensar a sociedade a partir dos vínculos entre espaço e vida social. Nesse sentido, o autor vai estabelecer, por um lado, uma análise sociológica que busca conhecer o mundo social ainda pouco conhecido por parte da sociologia, ou seja, manicômios, prisões, conventos, os quais ele denominará de *instituições totais*. Por outro lado, buscará analisar o comportamento dos *atores sociais* nos lugares *públicos*, onde o indivíduo goza de certa “liberdade” na prática de seus atos.

O autor haverá de proceder a uma perspectiva analítica na tentativa de mostrar que nesses locais desenvolvem-se formas de *interação* entre atores sociais que buscam, de diversas maneiras, manter a estrutura do *eu* (self), enquanto elemento inserido dentro de um contexto “extra-social” (GASTALDO, 2008). E é aqui que a análise fica instigante na medida em que, na observação goffmaniana, o indivíduo, mesmo que deixe de “viver em sociedade”, procurará formas de “furar” determinadas estruturas dentro das *instituições totais*. Essas instituições são caracterizadas por privarem os indivíduos de um “convívio social normal”, levando-os para fora do convívio em sociedade.

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda a instituição tem tendências de “fechamento”. (...) Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico (...). A tais estabelecimentos dou o nome de *instituições totais*, e desejo explorar suas características gerais (GOFFMAN, 2010, p. 16).

Uma das primeiras questões que temos que assinalar quando observamos Goffman tendo como foco do seu estudo as interações que ocorrem dentro das *instituições totais*, é que, esse termo não se refere a um conjunto homogêneo de instituições. O autor não pretende dar conta de uma totalidade de instituições existentes na sociedade, mesmo por que cada instituição possui representações distintas dentro do contexto social. Na verdade, trata-se de considerar a *instituição total* apenas como *tipo ideal*, ou seja, na tentativa de apreender aspectos comuns, para, posteriormente, estabelecer diferenças significativas entre eles (GOFFMAN, 2010).

Goffman partirá, portanto, dessa categoria tendo em vista uma compreensão micro da sociedade. Esse é o ponto-chave, qual seja, o de apreender como uma se constitui o *eu* inserido dentro das limitações impostas por esse tipo de instituição. Essas instituições, segundo Goffman, têm como objetivo romper com todos os laços que ligavam o indivíduo à sociedade “lá fora”, uma vez que, o que se está em jogo é a *ordem social* (GOFFMAN, 1972). O indivíduo é despidido de diversas *disposições sociais* que o sustentavam nas *interações sociais* face a face fora dessas instituições. A própria criação dessas instituições visa retirar aqueles que representam um perigo para a harmonia do *viver em sociedade*. Trata-se, portanto, de manter a *ordem*, e tirar do indivíduo o controle sobre suas ações, *mortificando* sistematicamente o seu *eu*. Assim, ao entrar nessas instituições, o indivíduo perde certos atributos que na sociedade civil lhe serviriam como *máscaras*.

Penso que aqui se estabelece um ponto de articulação entre o que Goffman analisa no livro *Manicômios, prisões e convento* (1961), e aquilo que o autor trata no livro *Comportamento em lugares públicos* (1963), qual seja, o de que as interações travadas em lugares públicos fazem parte da própria institucionalização de comportamentos que amarrarão aquilo que ele denomina de *ajuntamento*. Nesses locais existem certas “prescrições” de como o ator social deve proceder, demonstrando, assim, um “bom comportamento” nas interações. Quando essa *ordem* dos lugares públicos é conturbada, tem-se o risco da *desordem*, sendo necessário que o indivíduo movimente determinadas *ferramentas comunicativas* que o leve de volta a um comportamento “padrão” (GOFFMAN, 2010).

Em outras palavras, mesmo no comportamento dos indivíduos em lugares públicos, a *instituição social* está presente. Ali existe uma “mini-sociedade” que, de certa forma, dá corpo para as *ocasiões sociais* rodeada por laços institucionalizados que amarram os indivíduos à interação. Nas *instituições totais* esse vínculo irá acontecer pelos meios burocráticos do estabelecimento; nos lugares públicos, pelas regras que regem, em certo sentido, o comportamento durante a interação. Contudo, tanto nos lugares públicos, quanto nas instituições totais existe a possibilidade do “jogo ser jogado”. Dessa forma, pode-se dizer que a grande questão em Goffman é ver como, mesmo diante de certas regras da organização social, o indivíduo é capaz de “se sair”, ainda que envolto por *constrangimentos* (GOFFMAN, 2009).

É possível pensar, destarte, que, se o problema a ser respondido por Goffman consiste em saber se nossas ações são preestabelecidas ou geradas em determinadas situações, o caminho percorrido pelo autor, desde os estudos nas instituições totais, até a análise do comportamento em lugares públicos, fazem parte, na verdade, da proposta goffmaniana em clarear essa dualidade sociológica (MARTINS, 2011). Goffman estabelece dois pontos de inflexão analítica: comportamento público e comportamento privado. Isso posto, o que é fulcral é perceber que não se trata de saber o que é público ou o que é privado, mas compreender que as duas coisas categorias se relacionam na medida em que, tanto em um, como no outro, o indivíduo é capaz de estabelecer estratégias, de “jogar”, mesmo dentro de regras das instituições sociais.

À semelhança de Bourdieu, Goffman não partilha da idéia de que os atores sociais estejam presos às estruturas sociais. Na verdade é um jogo nas quais as situações de crise revelam, podemos dizer, outras facetas sociais, fazem a sociedade se “reinventar”; é nesse sentido que o papel das *instituições totais* ganha relevância sociológica, uma vez que condensam dentro de um espaço físico determinadas características da organização social, como uma *comunidade e instituição burocrática*.

Goffman aponta, assim, em *Manicômios, prisões e convento* (1961), como que se desenvolvem *relações de poder* sobre o *eu* dentro de uma ordem burocrática, que tenta, a partir de instrumentos de controle sobre o comportamento do indivíduo, impor certas formas de ação aos mesmos. Cria-se, dessa forma, uma tensão entre o mundo doméstico e o mundo institucional. Em outras palavras, todas as ações dos indivíduos, desde os atos mais comuns, até aqueles privados, passam a ser dirigidas pela *instituição total*. Perde-se, portanto, “autonomia” do ato do comportamento em lugares públicos, levando a uma tentativa de *mortificação* do *eu*. É essa a preocupação fundamental

de Goffman, quer dizer, analisar como a *representação do eu* é extirpada pela burocracia institucional desses estabelecimentos (GASTALDO, 2008).

Nesse sentido, Goffman antecipa – embora a perspectiva metodológica e epistemológica de ambos tenha sentidos diferentes¹ – os estudos foucaultianos sobre essas instituições que privam o indivíduo do convívio na sociedade civil. Foucault está interessado em mostrar como esse indivíduo moderno, sobre o qual se tecem certas *práticas discursivas*, na verdade é fruto de todo um processo de sujeição que se vincula à própria estruturação das ciências humanas. Portanto, em Foucault, o saber está ligado diretamente a formas de *sujeição* dos sujeitos.

A perspectiva goffmaniana não parte da idéia de se pensar como se dá a *sujeição* em si desses indivíduos dentro dessas instituições. Ele não é um estruturalista, nem funcionalista. O que Goffman tem como delineamento sociológico é *compreender*² como, mesmo sob a ordem burocrática dessas instituições, esses indivíduos desenvolvem estratégias de resistência e até de subversão da estrutura (MARTINS, 2011).

Nesse sentido, é possível afirmar que, ao contrário de Foucault, Goffman vê nas relações que são travadas nas instituições, um certo *dinamismo*. Ele deixa, assim, a possibilidade do jogo ser jogado. A questão não está em determinar ou fazer uma *arqueologia* do saber enquanto *regimes de verdade*, mas atentar-se aos detalhes que moldam as interações sociais na tentativa de revelar como as ações dos indivíduos são forjadas em distintos *ajuntamentos* sociais.

Goffman ainda antecipa-se ao pensamento foucaultiano quando articula a loucura a uma produção social. Para ele, a psiquiatria naturaliza a loucura. Tem-na como um dado pronto. Goffman pondera que o próprio dizer da psiquiatria sobre quem é louco ou não, é resultado do olhar superficial que ela tem a respeito dessas “pessoas doentes”.

É aqui que fica nítida a intenção de Goffman ao estudar o comportamento dos indivíduos nas *instituições totais* e, posteriormente, estudar o comportamento em lugares públicos. É que o autor vê os dois *espaços* como espaços interligados: conhecendo como se desenvolvem os processos de mortificação do *eu* nas *instituições totais*, ele pôde proceder à análise desses comportamentos nos *lugares comuns* da classe média americana, e ver que aqueles que não se adequam a determinadas regras, são enviados para essas instituições. Em uma palavra, a escolha metodológica de Goffman em estudar esses dois *extremos* da interação social insere-se dentro de

¹ Podemos dizer que, Foucault tem em vista a elaboração de uma crítica ao modo como se constituiu certos discursos sobre o indivíduo. Seu interesse ancorou-se, portanto, na tentativa de compreender o papel da própria ciência nesse processo de *sujeição do sujeito*, perspectiva não empreendida por Goffman.

² Goffman, à semelhança de Weber, traz para o indivíduo o centro da análise sociológica, compreendendo o mundo social como uma rede de *interações sociais* e de *representações*.

uma perspectiva analítica que busca compreender as regras de envolvimento nas interações sociais para, por sua vez, questionar o próprio sentido das instituições totais na sociedade, instituições como *estufas sociais*, onde a tensão sobre o indivíduo é constante.

Se, então, enxergarmos pessoas internadas em hospitais psiquiátricos como indivíduos que infringem regras de envolvimento, e se obtivermos uma visão mais sofisticada destas regras, será possível questionar até certo ponto a concepção obtida com grande dificuldade de que os internados são necessariamente “pessoas doentes”. Mesmo um ajuntamento social definido frouxamente é ainda uma salinha firme; há mais portas que levam para fora dele e mais razões psicologicamente normais para passar por elas do que sonham aqueles que são sempre leais à sociedade situacional (GOFFMAN, 2010, p.257).

Pierre Bourdieu: uma sociologia da cultura e da relação desta com o processo de dominação.

Os bens culturais possuem, também, uma economia, cuja lógica específica precisa ser bem identificada (...).
Pierre Bourdieu

A proposta fundamental de Bourdieu está em discutir e elucidar como se dar a relação entre indivíduos e normas sociais, estabelecendo, dessa forma, um ponto de inflexão analítica fundamental para se pensar a sociedade. O autor vai propor uma variedade de argumentos na perspectiva de criar um diálogo com os clássicos, tentando, de certa forma, observar aquilo que escapou à análise das teorias sociológicas de Marx, Weber e Durkheim, e mesclar, até certo ponto, o pensamento desses autores para explicar determinados delineamentos sociais.

Nesse sentido, podemos dizer que Bourdieu propõe uma *nova sociologia* na qual se pretende observar a sociedade a partir de uma visão dinâmica, sem cair na *armadilha da linearidade* analítica. Para ele, categorias como *classe social* e *estratificação* foram vistos e trabalhados de forma estática pela sociologia clássica, sem levar em conta os diferentes *significados* que assumem em arranjos sociais específicos (ORTIZ, 1983).

Trata-se, portanto, de trazer à tona elementos importantes para a compreensão da estrutura social, destarte, indo além de uma análise “rasteira” baseada apenas em critérios puramente econômicos, ou de certo marxismo ortodoxo que privilegia o aspecto da *superestrutura*, esquecendo, assim, distintos modos de diferenciação de uma cultura que se diz *legítima*.

Os bens culturais possuem, também, uma economia, cuja lógica específica tem de ser bem identificada para escapar ao economicismo. Nesse sentido, deve-se trabalhar, antes de tudo, para estabelecer as condições em que são produzidos

os consumidores desses bens e seu gosto; e, ao mesmo tempo, para descrever, por um lado, as diferentes maneiras de apropriação de alguns desses bens considerados, em determinado momento, obras de arte e, por outro, as condições sociais da constituição do modo de apropriação, reputado como legítimo. (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Podemos dizer, nesse sentido, que Bourdieu redimensiona a análise quando traz para a cultura a chave de investigação no que se refere à distinção entre “classes”. O gosto vai emergir como um elemento fulcral para se entender o jogo da dominação. Esse é o ponto fundamental. O autor quer mostrar que, longe de ser algo “natural”, o gosto é construído dentro de uma lógica que tem por objetivo privilegiar determinadas distinções no interior de um *campo* (BOURDIEU, 2007).

É nesse *campo* que o jogo é estabelecido, possuindo determinadas especificidades que fazem parte da estrutura do campo. Logo, levará vantagem aquele que conseguir jogar melhor, mesmo que tenha condições desfavoráveis em dado momento, uma vez que, apesar da sociedade possuir “leis” as quais, em certa medida, determinam o direcionamento do jogo, o indivíduo não está totalmente preso à estrutura do campo. Ele não está “condenado”: pode ganhar ou perder dependendo de como ele manipula o *capital* específico que está em disputa no campo (BOURDIEU, 2011). É essa a grande questão que vai permear o estudo de Bourdieu em *A Distinção*, no qual o autor irá mostrar que, dependendo do capital acumulado em sua trajetória, o agente pode ter melhores “trunfos” dentro de um *campo* que pressupõe ao indivíduo ter competências que o legitimam naquele *campo*.

É o gosto, segundo Bourdieu, que surgirá como um dos principais traços distintivos entre indivíduos e classes. O “belo” e o “feio” não operam em um nível supra-social. Fazem parte, na verdade, de princípios de uma estética, de uma aptidão e escolhas da existência que fornecem *demarcações* e *classificam* os sujeitos. Portanto, existe uma economia dos *bens simbólicos* que coloca entre os consumidores da cultura legítima e aqueles que estão deslegitimados uma “barreira” simbólica, como uma forma de não permitir a transgressão de práticas estabelecidas, colocando-os em um universo separado da *consagração cultural* (BOURDIEU, 2007).

Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. Não é por acaso que, ao serem obrigados a justificarem-se, eles afirmam-se de maneira totalmente negativa, pela recusa oposta a outros gostos: em matéria de gosto, mais que em qualquer outro aspecto, toda determinação é negação, e, sem dúvida, os gostos são, antes de tudo, *aversão*, feita de horror ou de intolerância visceral (“dá ânsia de vomitar”), aos outros gostos dos outros. (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Bourdieu quer mostrar que, quando se imprimem certas características a determinado *campo*, o acesso a esse *campo* está sendo delimitado. Nesse sentido, o gosto adquire a característica de desempenhar uma função social de legitimação das diferenças sociais, submetendo as práticas cotidianas à lógica do consumo dos bens culturais.

É nessa lógica que a relação entre gosto e educação emerge como pressuposto fundamental dentro da abordagem de Bourdieu. O sistema de educação surgirá enquanto reprodutor da dominação de classes, e dará ao indivíduo ferramentas de distinção dentro dos *campos* nos quais ele se insere. A trajetória do indivíduo será marcada, portanto, por incorporação de diversos *capitais*: *capital econômico* (renda), *capital cultural* (escola) e *capital social* (relações de amizade), que começarão desde a infância e se estenderão ao longo da sua vida, engendrando certas condições de acesso a determinados bens culturais em face de sua *origem social* e da educação que ele recebeu, e de como ele fará uso social delas na tentativa de galgar patamares mais “legítimos” na hierarquia social.

O que está em jogo, segundo Bourdieu, não é a educação em si, mas como determinado sistema escolar encontra-se posicionado na sociedade (BOURDIEU, 2008). Poderíamos pensar, por exemplo, no papel que os diplomas desempenharam na lógica social ao longo dos anos. Se até pouco tempo quem possuía um diploma gozava de certas vantagens no jogo social, com a “universalização” do ensino, houve um maior acesso às titulações que eram restritas a alguns. Contudo, o fato de se ter um diploma não significa que o possuidor deste estará imerso em especificidades da cultura legítima. Tudo dependerá da forma em que o título recebido encontra-se inserido dentro da sociedade, e de como o “ter” aquele título posiciona o indivíduo em uma classe social. Seria pensar, portanto, a estrutura a partir da prática do indivíduo.

Bourdieu quer fugir, assim, de uma análise estritamente marxista e funcionalista da sociedade, que veriam, por exemplo, a grande procura por cursos como medicina e direito, apenas por que são títulos que garantem um emprego e salário significativos. O que Bourdieu quer mostrar é que a própria escolha de um curso é condicionada por diversos fatores que foram incorporados pelo indivíduo ao longo de sua trajetória, e que agora formam o seu *habitus*. Assim, a idéia de *vocação* para determinada profissão faz parte apenas de um discurso resultante do próprio condicionamento do indivíduo inserido na estrutura social. É necessário olhar, dessa forma, a *significação cultural* das práticas sociais, na tentativa de apreender e de analisar a realidade.

O gosto pelo consumo dos bens culturais é, portanto, fruto de múltiplos fatores que estão relacionados um com o outro. A crítica de Bourdieu à Estatística, por exemplo, faz todo sentido quando observamos como ele constrói a sua perspectiva de análise das práticas sociais. Não existe “um” determinante dessas práticas, e nem os números por si só explicam-nas. É preciso, segundo ao autor, aprofundar a análise e ir além do intucionismo e dos indicadores gerais. É preciso fazer uma sociologia das práticas sociais, revelando, assim, as especificidades que elas assumem em distintos *campos*.

Mediante somente um trabalho que, tomando a própria relação como objeto, questiona sua significação sociológica e não a significatividade estatística, é que se pode substituir a relação entre uma variável supostamente constante e diferentes práticas por uma série de *efeitos* diferentes, relações constantes sociologicamente inteligíveis que se manifestam e se dissimulam, a um só tempo, nas relações estatísticas entre o mesmo indicador e as diferentes práticas (BOURDIEU, 2007, p. 26).

Cada prática vai sendo delineada na medida em que o jogo é jogado. Não trata-se de uma estrutura estática (BOURDIEU, 2010). Poderíamos falar de uma *estrutura estruturante*. O gosto é construído dentro dessa lógica, qual seja, a de que ele pode ser redimensionado a partir do momento em que ele perde o seu caráter distintivo. Se determinado “gosto puro” ou legítimo passa a ser incorporado por aqueles que possuem o “gosto bárbaro”, aqueles que possuem o primeiro procuram *metamorfosear-se* na tentativa de gerar outras práticas distintivas que os distanciem daqueles que possuem menos *capital cultural*. “O gosto torna-se, dessa forma, a expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, cujo valor distintivo determina-se objetivamente na relação com expressões engendradas a partir de condições diferentes” (BOURDIEU, 2007, pg.56).

Nesse sentido, as classes que possuem maior capital cultural procuram, de diversas maneiras, estabelecer critérios de diferenciação para manterem sua posição na estrutura social “intocável, sendo que o gosto vai surgir enquanto um desses critérios, ganhando importância substancial na análise do estilo de vida da classe dominante.

O gosto adquire maior relevância no que tange à distinção na medida em que o capital cultural apresenta maior raridade. Portanto, um gosto “refinado” por vinhos de alto padrão ou obras de artes leva, por exemplo, determinadas classes ou frações de classe a se posicionarem em patamares mais elevados na hierarquia social, uma vez que se estabelece, dessa maneira, uma organização segundo uma *estrutura de quiasma*. Será um gosto socialmente treinado, levando em conta o capital econômico, o capital cultural e o capital social. Esses se constituem como uma

espécie de “tripé” da análise de Bourdieu. E essa é uma das questões fundamentais que permeiam a sua sociologia.

Em outras palavras, Bourdieu percebe que o economicismo não dá conta da explicação, ficando amarrado a aspectos lineares das práticas sociais. O que Bourdieu mostra é que o jogo social é muito mais complexo. Está envolto por disposições estruturadas, mas que podem ser alteradas dentro da dinâmica social. Pensar, nesse sentido, em *classes sociais* levando em conta apenas aqueles grupos que possuem os *meios de produção*, como diria Marx, e que, por sua vez, constituem-se enquanto classe homogênea, é esquecer, segundo Bourdieu, de elementos importantes que escapam à análise de um marxismo rasteiro.

A classe social não é definida por uma propriedade (mesmo que se tratasse da mais determinante, tal como o volume e a estrutura do capital), nem por uma soma de propriedades (sexo, idade, origem social ou étnica – por exemplo, parcela de brancos e de negros, de indígenas e de imigrantes, etc. –, remunerações, nível de instrução, etc.), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental – a posição nas relações de produção – em uma relação de causa e efeito, de pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 2007, p. 101).

O fato de se possuir recursos financeiros não garante o acesso a determinadas estruturas sociais. Daí que pensar em *mobilidade social* dentro de uma perspectiva *materialista* deixa de lado as propriedades através das quais se estabelece a relação entre a classe e a prática. Segundo Bourdieu, essa relação não se dá apenas no plano material em si. Se fôssemos falar, por exemplo, em *lutas de classe*, diríamos que, a partir da análise de Bourdieu, essa luta é transposta também para o plano simbólico, onde o gosto é um aspecto fundamental dessa disputa.

É nessa lógica que formas de *apropriação* e *reconversão* de práticas de indivíduos e famílias surgem como elementos estratégicos para salvaguardar ou melhorar a posição social desses mesmos indivíduos. Seriam, portanto, estratégias de *reprodução social* que visam assegurar que determinada estrutura seja reproduzida.

Quando Marx elabora sua tese de que a história da humanidade tinha sido uma história de lutas de classes, ele a vê enquanto “confronto” dual entre dois grupos que se opõem. Entretanto, essa oposição acontece, sobretudo, em termos materiais. Burgueses e proletários – a moderna estrutura social – equacionariam as duas classes sociais: os possuidores e desprovidos dos *meios de produção*. Podemos dizer, nesse sentido, que, embora Bourdieu se aproprie dessa idéia marxista de lutas de classes, ele afasta-se da noção analítica restrita ao elemento econômico. Pensar o gosto

nestes termos, e discuti-lo através desse viés é o do que Bourdieu tenta escapar. Dessarte, ele busca articular dentro da análise sociológica esses elementos distintivos entre classes, que dizem respeito às práticas estabelecidas pela classe dominante tendo em vista a diferenciação desta em relação às outras classes.

A classe dominante cria certas “aversões” por estilos de vida que ela não considera legítimos. Contudo, a legitimidade desse estilo de vida da classe dominante não é algo “dado”, nem uma situação de passividade por parte daqueles que não possuem determinados bens culturais. Na verdade o que ocorre é uma busca constante por estabelecer critérios que criem objeções quanto ao acesso a um campo específico – um *campo de lutas* – como diria Weber. É esse o jogo. Dentro de cada campo ocorrem lutas pelos bens em disputa, tendo em vista a legitimação do *bom gosto* (ORTIZ, 1983).

Além de ir de encontro ao que chamei de *marxismo rasteiro*, Bourdieu busca afastar-se de uma sociologia ou de um discurso que apregoa que esses elementos distintivos de classe são *predisposições naturais*. Longe disso, o autor quer enfatizar que essas práticas são engendradas dentro de uma lógica de barreiras entre classes, de assegurar o distanciamento e manter a posição ocupada no espaço social. O que ocorre, nesse sentido, é a aquisição (não natural) de bens que servirão como um tripé para se reproduzir a dominação de classe. Trata-se, dessa forma, de afastar aquilo que Bourdieu denomina de *preguiça positivista*, na tentativa de estabelecer uma sociologia das práticas, observando, assim, como essas práticas são tecidas e efetivadas no interior dos campos e dos embates pela legitimidade cultural.

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura, ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Nesses campos de lutas estão em jogo diversas variáveis que podem ser mobilizadas deliberadamente no processo de dominação. Nesse sentido, pensar, por exemplo, na ascensão de uma nova *classe média* brasileira, que, em tese, representa uma maior distribuição de renda, restringe a análise apenas ao seu aspecto macro. O que Bourdieu está propondo é exatamente o alargamento dessa perspectiva. Trata-se de confrontar diversas variáveis para se observar como ocorre a dinâmica dentro das estruturas sociais. O fato, por exemplo, de o Brasil possuir uma

classe média com *poder de compra* significativo, não significa que agora temos uma nova classe dominante. Pelo contrário, a classe dominante formula outras estratégias para reproduzir-se. É isso que escapa aos dados estatísticos aos quais Bourdieu tece críticas.

A classe dominante lança sua distinção em relação à ascendente classe média no plano da cultura, no gosto cultural. A *boa* comida, o *bom* vinho, o *bom* filme, a *boa* arte, etc., surgem, portanto, como traços de distinção, e, em face disso, constituem-se enquanto práticas sociais reveladoras da própria mudança de estilo de vida da classe dominante. Contudo, como afirma Bourdieu, essa mudança, atrelada às estratégias de reconversão, fazem parte da busca por vantagem de uma classe em relação à outra classe. Seria uma *modificação para a conservação* da estrutura dos bens que fazem parte do jogo da concorrência e das oportunidades de acesso à *cultura legítima*.

As aproximações e os distanciamentos teórico-analíticos entre Goffman e Bourdieu

Diante daquilo que observamos no decorrer deste artigo sobre as abordagens sociológicas de Goffman e Bourdieu, gostaria de traçar um paralelo entre esses autores na tentativa de estabelecer pontos de confluência e de separação entre essas duas propostas de compreensão da sociedade. Primeiramente procederei à tentativa de amarrar esses dois autores em face das possíveis similaridades de suas respectivas sociologias. Num segundo momento, buscarei revelar as possíveis incompatibilidades teórico-analíticas entre as abordagens de ambos os sociólogos, tendo em vista uma melhor apreensão de suas idéias no que diz respeito à investigação social.

Em primeiro lugar, podemos falar de uma crítica de ambos os autores ao modelo *objetivista* de análise da sociedade. A perspectiva sociológica tanto de Goffman quanto de Bourdieu se assenta na idéia weberiana que define os fenômenos sociais a partir das condutas individuais. Weber não pregava que existia um “mundo objetivo” em si, como diria Durkheim. O que ele apontava era que a sociologia somente poderia compreender *objetivamente* os fenômenos sociais quando observasse que a “sociedade não é um deus”, e que, na verdade, as ações dos indivíduos são dotadas de um *sentido* que dá sentido a própria noção de *sociedade*.

Dessa forma, Weber traz para o centro do debate do estudo da sociedade a *ação dos indivíduos* como chave analítico-compreensiva. Goffman e Bourdieu compartilham, portanto, da idéia de se observar a sociedade a partir de um olhar sobre as ações dos indivíduos. Levam para

as suas respectivas metodologias essa premissa de reintroduzir na análise sociológica o ator ou o agente social negligenciado, de certa forma, pelo *objetivismo* durkheimiano³.

Em segundo lugar, podemos falar que as abordagens de Goffman e Bourdieu constituem-se em duas *micro-sociologias*, no sentido de focar a investigação nos “detalhes” da sociedade. Goffman envereda pelo lado das interações sociais, do momento em que os indivíduos se encontram na presença de outros indivíduos. Ele quer, portanto, enxergar aquilo que a Sociologia não tinha dado muita atenção até então. Buscará, assim, encontrar na interação face a face o “elo” para se compreender a dinâmica social, ou seja, a performance dos atores diante de situações nas quais eles estão inseridos.

Bourdieu fará uma *micro-sociologia* pautada em ver os elementos de *reprodução* das estruturas sociais. Os “detalhes” dessa reprodução estarão ligados aos aspectos negligenciados pelas “grandes narrativas” explicativas, que observaram determinadas conjunturas como que fossem universais⁴. Bourdieu ver o aspecto *micro*, contudo, relacionando diversos *campos* que possuem regras de disputa e de acesso aos bens que ali são valiosos.

Portanto, trata-se de uma *micro-sociologia* mais abrangente que a *micro-sociologia* goffmaniana, em face de relacionar um maior número de variáveis de análise⁵, e de trazer para a abordagem sociológica um elemento de *mediação* entre a ação do indivíduo e a estrutura: o *habitus*. Esse elemento não apenas revela o aspecto micro das relações, mas relaciona-se com a estrutura, conformando e orientando a ação dos indivíduos. Refere-se, por exemplo, à classe, ao grupo, mas também ao indivíduo. É o *habitus* que tende a conformar a ação do agente, mas ele é, ao mesmo tempo, produto de relações sociais que precedem, podemos dizer, as próprias ações individuais.

Em terceiro lugar, é possível pensar que Goffman e Bourdieu vêem a sociedade enquanto “um jogo a ser jogado”. Goffman, observando as *instituições totais*, vai revelar que os atores que estão dentro daquele espaço físico desenvolvem estratégias de acomodação às regras ou de “enfrentamento” dessas mesmas regras. Portanto, sempre existe a possibilidade do “jogo ser invertido”. Em uma palavra, as próprias regras dão aos indivíduos a possibilidade de criar mecanismos de resistência. O desempenho dos atores sociais pode ser aperfeiçoado, criando “brechas” para que se questione a própria estrutura.

³ Ver: Renato Ortiz: *Pierre Bourdieu: Sociologia* (São Paulo, Ática, 1983).

⁴ A crítica de Bourdieu ao marxismo insere-se dentro dessa perspectiva, qual seja, que Marx pensa *classes sociais*, por exemplo, de forma homogênea, sem levar em consideração que a própria superestrutura – definida por Marx como reflexo da infraestrutura – , na verdade, está relacionada com a disputa em outros *campos* sociais (religioso, político, científico. etc.).

⁵ Bourdieu fará uso da própria estatística para mostrar que determinados bens simbólicos são adquiridos pelo indivíduo dependendo da posição que ele ocupa dentro do sistema de estratificação. Logo, não se tem muitas escolhas ou “escolhas livres”.

Bourdieu não considerará a sociedade como uma estrutura fixa. As práticas sociais são, ao mesmo tempo, *estruturas estruturadas* predispostas a se tornarem *estruturas estruturantes*. Dito de outra forma, não se pode pensar as relações sociais como algo estático. A própria reprodução da dominação é dinâmica. A classe dominante cria barreiras de acesso à cultura legítima aos desprovidos do capital específico daquele campo. Contudo, dependendo das estratégias utilizadas, o “jogo pode mudar”. Cabe, portanto, ao sociólogo “denunciar” como que o “jogo está sendo jogado”, analisando as práticas sociais e compreendendo como elas se relacionam com a estrutura.

No que concerne aos elementos específicos que, em certo sentido, separam a abordagem goffmaniana daquela proposta por Bourdieu, queremos pontuar três aspectos principais, que acreditamos serem relevantes para se pensar as obras desses autores comparativamente.

A primeira questão que podemos apontar diante dessa lógica é que, ao se observar a sociologia de Goffman e de Bourdieu, fica patente a idéia dos dois autores em tentar revelar como que se constitui a relação entre indivíduo e sociedade. Na verdade, trata-se de uma das dualidades substanciais que permeiam o debate sociológico desde as “origens” da sociologia. Portanto, esse é um ponto interessante para relacionar esses autores que estamos discutindo, pois cremos que é diante dessa discussão que eles se distanciam.

Bourdieu encontra a mediação entre indivíduo e sociedade quando introduz o conceito de *habitus*. O *habitus* aplica-se à interiorização das normas sociais, sem que isto signifique uma obediência irrestrita a elas. Ao mesmo tempo em que é princípio de um *aprendizado*, o *habitus* estrutura-se enquanto processo de formação de novas estratégias de reprodução de determinadas práticas sociais. É dentro desse contexto que podemos destacar que, Goffman se distancia de Bourdieu, tendo em vista que o primeiro vê *habitus específicos* como que se fossem *habitus de todos*. Em outras palavras, quando Goffman pensa a *interação* ele não leva em conta o próprio processo de socialização do indivíduo, o que, em Bourdieu, pressupõe-se uma série de produção de *habitus* distintos.

Goffman limita-se, nesse sentido, a observar a interação em si, sem abranger o *habitus* específico em que está envolta a própria situação. Bourdieu vai dizer que a situação em que ocorre uma interação – para usar a categoria goffmaniana – insere-se dentro de uma relação *dialética* entre a situação e os *habitus* específicos. As duas coisas estão relacionadas, não sendo possível pensar a interação somente em termos de “encontros face a face”, mas como momentos em que se mostram distintos *habitus* de classe, grupos e indivíduos.

Em uma palavra, Bourdieu tem em mente que uma melhor compreensão da dinâmica social ocorrerá na medida em que se observe a relação que existe entre a interação e o *habitus*. Não se pode, segundo ele, ver a interação de forma *imediatista*, mas deve-se proceder a uma interrogação da própria construção da interação, relacionando-a com a estrutura dos *habitus* envolvidos naquela situação. O indivíduo não está “solto” quando se encontra “cara a cara” com outro indivíduo. Ele é portador de *habitus* que o ligam a determinada classe ou grupo. Goffman não observa esses detalhes, uma vez que considera a interação independentemente dos *habitus específicos* nela envolvidos.

A segunda questão que se coloca diante da comparação entre Goffman e Bourdieu diz respeito ao modo como os dois autores trabalham a idéia de *espaço*. Analisando as interações entre os indivíduos, Goffman vai circunscrever o *espaço* ao *espaço físico-geográfico*. O autor haverá de proceder a sua análise tendo em vista os limites “naturais” na qual se dá a interação. A fábrica, o convento, o manicômio, os hospitais, as prisões, etc., farão parte, nesse sentido, dos lugares nos quais Goffman restringirá a sua abordagem.

Bourdieu, ao contrário de Goffman, buscará compreender o *espaço* enquanto *espaço social*. Esse é um ponto interessante na medida em que agora se tem uma compreensão do espaço não mais restrita a elementos *fisicamente limitados*, mas espaços sociais onde estão envolvidas *relações de poder*. Bourdieu denominará esses espaços de *campos*.

Ele observará, dessarte, que as práticas sociais que ocorrem em determinados “locais” transcendem o espaço físico em si. O *campo* será o *locus* onde ocorrerão lutas pela busca de interesses estratégicos quem estão em disputa no seio do *campo*. Nesse sentido, se Goffman restringe sua análise pensando o *espaço* sem levar em conta os “atritos” que ocorrem no interior desses mesmos espaços, Bourdieu avançará em face da compreensão de que os *espaços* são, antes de tudo, *espaços sociais*, nos quais se hierarquizam práticas e estabelecem-se relações entre *dominantes e dominados*.

A terceira questão que se coloca como ponto de fissura entre as abordagens de Goffman e Bourdieu – resultando da relação entre as duas primeiras questões levantadas – diz respeito ao modo que os dois autores tratam a problemática da *ação individual*. Como falamos anteriormente, tanto Goffman quanto Bourdieu trarão para o centro do debate sociológico o indivíduo como elemento crucial de suas respectivas sociologias, dada a visível influência weberiana. Contudo, os caminhos delineados por esses autores quando tratam da problemática da *ação* do indivíduo, levarão ambos terem posições divergentes neste aspecto.

Goffman, partindo da interação como elemento chave para se analisar a dinâmica social, verá no encontro cara a cara o momento em que se desenvolvem as ações individuais para sustentarem certas “máscaras sociais”. Assim, como que em uma peça teatral o ator está sempre elaborando estratégias para regular a “impressão” que os outros indivíduos têm dele. Poderíamos dizer, em face disso, que toda ação assemelha-se a uma aposta, onde o ator se utiliza de “trunfos” para garantir a sua “apresentação de si”.

É razoável pensar que Bourdieu irá criticar exatamente essa capacidade do indivíduo em sustentar determinadas impressões de si quando ele se encontra na presença de outros. A “presença diante de outros” está envolta por relações de poder. Não se estabelece uma relação entre iguais. Logo, a ação do indivíduo só poderá ser compreendida à luz da própria posição do indivíduo dentro da estrutura social. A interação não é neutra: ela acontece nos *campos* onde vários interesses estão em jogo.

Dentro desses *campos* cada indivíduo possui certa quantia daquilo que, como vimos, Bourdieu chamou de *capital social*. Isso implica em duas questões fundamentais: primeiro, há uma desigualdade na distribuição desses capitais; segundo, – e como resultado da questão anterior – forma-se uma hierarquia entre aqueles *providos* e os *desprovidos* dos bens em disputa no campo. Nesse sentido, a problemática da *ação* se coloca em outro nível, onde ela é analisada tendo em vista a própria posição na estrutura social do agente que a executa. Ele age no interior de um campo socialmente *predeterminado*, com regras específicas estabelecidas que não o deixam “livre”.

Bourdieu verá, portanto, a *ação* do indivíduo como um elemento crucial para se compreender a sociedade, contudo, levando em consideração que ela realiza-se inserida em um *campo* onde existe o conflito, o jogo de interesses, as estratégias, em uma palavra: as relações de poder. Goffman não observará esses aspectos; ele deixa escapar, podemos dizer, aquilo que Bourdieu terá como cerne de sua sociologia, qual seja, a relação entre *ação* e *estrutura*. Goffman circunscreverá sua abordagem sociológica às performances da ação dos atores envolvidos na interação, mas sem considerá-las *objetivamente estruturadas*, com posições fixadas *a priori*, como diria Bourdieu.

Considerações Finais

Na primeira parte desse trabalho, procurei apontar os principais aspectos da sociologia goffmaniana, levando em consideração a ênfase que este dá aos processos de interação

estabelecidos em distintas situações sociais. Na segunda, busquei, por seu turno, mostrar as principais idéias de Bourdieu no que se refere aos processos de dominação e reprodução da dominação no âmbito da cultura, onde o gosto torna-se um elemento fundamental de compreensão das práticas sociais.

Em um terceiro momento, a idéia constitui-se em traçar um paralelo entre os dois autores, na perspectiva de mostrar, por um lado, pontos de confluência de suas respectivas abordagens sociológicas e, por outro, identificar elementos divergentes no que tange às propostas de análise da sociedade. Um dos traços relevantes desse encontro de dois autores contemporâneos é que, tanto Goffman quanto Bourdieu inserem-se dentro de uma abordagem micro sociológica que busca compreender a sociedade a partir de aspectos específicos do macro espaço social. Com efeito, os autores estabelecem pressupostos de análise nos quais se tem como questão fundamental a dicotomia ação-estrutura. Se Goffman vê no indivíduo a possibilidade deste definir a situação objetiva dentro da interação social, Bourdieu aprofunda essa idéia, uma vez que concebe a sociedade como que composta por diversos campos sociais.

Como nesses campos existe uma disputa por bens que são considerados valiosos pelos indivíduos que participam dessa luta, quando eles se encontram face a face – como diria Goffman – já existe no próprio ato interativo uma relação de poder estabelecida, a qual se estrutura em face da distribuição desigual de determinados capitais sociais existentes no campo. Portanto, tem-se, *a priori*, uma relação entre dominantes e dominados, que procuram, de diferentes maneiras, jogar o jogo social na tentativa de inverter ou manter a estrutura estabelecida.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento** / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GASTALDO, Édison. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.23 n.68. São Paulo, 2008. p. 149-153.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

_____. **Comportamento em lugares públicos** – Notas a organização social dos ajuntamentos. 1. ed. Editora Vozes, 2010.

_____. **Internados**: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.

_____. Manicômios, prisões e conventos. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. **A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das Ciências Sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.26 n.77. São Paulo, 2011. p. 231-240.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: sociologia / organizador [da coletânea] Renato Ortiz; tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi – São Paulo: Ática, 1983.